

Jovens na educação superior brasileira: origem familiar, trajetórias acadêmicas e projetos

GT 25: Educación y Desigualdad Social

Wivian Weller¹
Lucélia de Moraes Braga Bassalo²

Resumo

O aumento do número de matrículas de jovens no Ensino Superior brasileiro parece ter introduzido maior diversidade quanto ao nível de escolaridade dos seus pais e, em parte, no nível socioeconômico das respectivas famílias. De que forma a origem escolar e familiar interfere nas escolhas acadêmicas e projetos de futuro? Que aspectos são considerados no momento da escolha do curso e respectiva profissão? Estão satisfeitos com suas escolhas acadêmicas? A comunicação analisa dados oriundos de um *survey* realizado com jovens (até 24 anos) estudantes de seis universidades brasileiras em São Paulo e no Distrito Federal. Conhecer o perfil, compreender as demandas dos jovens, contribui para o avanço das propostas de expansão e internacionalização das universidades no contexto da América Latina.

Palavras-chave: Educação superior; estudantes universitários; juventude.

1. Introdução

Nos últimos dez anos, ações do governo brasileiro voltadas para a expansão do número de vagas nas instituições públicas bem como incentivos através de programas destinados a estudantes de instituições particulares, propiciaram o aumento do número de jovens nesta modalidade de ensino (cf. Segenreich, 2009; Neves; Raizer; Fachinetto, 2007; Catani; Gilioli, 2005). Esta expansão parece haver introduzido maior diversidade no que diz respeito ao nível de escolaridade dos pais dos estudantes universitários e, em parte, maior diversidade em relação ao nível socioeconômico das respectivas famílias. No entanto, existem poucas informações sobre a influência da origem escolar e familiar nas escolhas acadêmicas e projetos de futuro dos estudantes, sobre aspectos que são levados em consideração no momento da escolha do curso e da respectiva profissão. De uma forma geral, nossas universidades também não costumam avaliar o grau de satisfação dos estudantes com seus respectivos cursos. Aspectos da vida cotidiana dos estudantes universitários, o envolvimento em projetos ou atividades acadêmicas e não acadêmicas que extrapolam o contexto da sala de aula, também são pouco conhecidos e estudados nas pesquisas sobre educação superior. Neste sentido, o presente artigo apresenta dados de uma pesquisa

¹ Doutora em Sociologia pela Freie Universität Berlin, Alemanha. Professora do Departamento de Teoria e Fundamentos e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, desenvolvendo atualmente (set./2012 a ago./2013) estudos de pós-doutorado na *Stanford University* (EUA) com bolsa da Capes. E-mail: wivian@unb.br

² Doutora em Educação pela Universidade de Brasília. Professora da Universidade Estadual do Pará - UEPA e da Universidade do Amazonas - UNAMA. Pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada - Ipea. E-mail: lbassalo@uol.com.br

realizada com estudantes universitários com o objetivo de fornecer alguns *insights* sobre as futuras elites que estão sendo formadas em nossas universidades.

2. Sobre a pesquisa

Este artigo analisa dados oriundos de um *survey* que contou com a participação de aproximadamente 4.200 jovens universitários brasileiros e chineses. O questionário foi aplicado no ano de 2012 simultaneamente nos dois países, mais especificamente, em Pequim, Xangai, Brasília e região metropolitana de São Paulo, respectivamente capitais e maiores polos industriais nos dois países³. Para a aplicação do questionário, foram escolhidas 3 (três) instituições de ensino superior com características distintas em cada uma dessas cidades, ou seja, universidades com maior e menor grau de seletividade. No Brasil, foram escolhidas 02 (duas) universidades públicas de renomado prestígio no Distrito Federal e no Estado de São Paulo e em 04 (quatro) universidades particulares localizadas nas duas regiões. A escolha de duas instituições públicas e quatro particulares justifica-se pela diversidade da formação do ensino superior no Brasil.

A população alvo da pesquisa foram jovens universitários com idades até 24 anos completos. O limite de idade foi estabelecido para fins de comparabilidade dos resultados entre os dois países, já que na China o percentual de estudantes universitários com mais de 24 anos em nível de graduação é praticamente inexistente. Elaborou-se um questionário com 66 questões divididas nos seguintes blocos temáticos: dados gerais, trajetória escolar e familiar dos pais, vida universitária, cultura/sociabilidades, tempo livre, internet e redes sociais, religião, trabalho, participação e esfera pública, meio ambiente e relações interculturais.

Para o cálculo do tamanho da amostra, considerou-se a estimação de uma proporção, com erro amostral de 5%, nível de confiança de 95% e variabilidade máxima. O tamanho mínimo da amostra em cada instituição foi estabelecido em 400 estudantes no Brasil e 300 estudantes na China. Tendo em vista perdas e recusas, o tamanho da amostra foi acrescido em 20% em cada instituição de ensino. Para a seleção da amostra, foi utilizado processo de amostragem aleatória estratificada com alocação proporcional dos estudantes por curso/área em cada instituição de ensino superior (cf. IPEA, 2012). Para a análise dos dados foram computados somente os questionários respondidos por estudantes que atenderam o critério referente a faixa etária.

³ No Brasil, a pesquisa conta com apoio da Sociedade Brasileira de Sociologia - SBS e com financiamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea. Coordenação da pesquisa: Eduardo Luiz Zen (Ipea), Tom Dwyer (Unicamp), Wivian Weller (UnB), Ana Maria Nogaes (UnB), Marília Sposito (USP). Equipe de pesquisa do Ipea: Lucélia de Moraes Braga Bassalo, Patrícia Gimeno, Carla Coelho de Andrade, Thuany Aguiar Santos, Paulo César Martins Stumpf. Outros pesquisadores: Marilena Nakano (Fundação Santo André). Para a aplicação dos questionários *in loco* contamos com inúmeros colaboradores nas respectivas universidades a quem estendemos nossos agradecimentos.

3. Jovens na educação superior brasileira: alguns resultados⁴

3.1 Origem familiar dos estudantes universitários: escolaridade e situação profissional dos pais

Escolaridade dos pais

Nas últimas décadas vários estudos tem apontado a relação entre o nível de escolaridade dos pais, especialmente da mãe, como variável para o acesso e permanência na escola. A publicação da Lei nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promoveu a expansão do ensino superior no Brasil possibilitando o surgimento de instituições no setor privado. Nos últimos dez anos, ações do governo federal voltadas para a expansão do número de vagas nas instituições públicas bem como incentivos através de programas destinados a estudantes de instituições particulares, também foram responsáveis pelo aumento do número de jovens nesta modalidade de ensino. Ao mesmo tempo, esta expansão do ensino superior, parece haver introduzido maior diversidade no que diz respeito ao nível de escolaridade dos pais dos estudantes universitários desta pesquisa (Tabela 1) e, provavelmente, maior diversidade em relação ao nível socioeconômico das respectivas famílias.

TABELA 1 – Nível de escolaridade do pai e da mãe

Escolaridade dos pais	Mãe %	Pai %
Não sabe ler nem escrever	0,3	0,3
Ensino fundamental incompleto	9,0	9,4
Ensino fundamental completo	4,4	5,8
Ensino médio incompleto	5,1	5,9
Ensino médio completo	28,5	26,5
Ensino superior incompleto	7,2	9,8
Ensino superior completo	29,3	27,3
Pós-graduação	15,3	12,3
Não sei informar	0,6	2,3
NR	0,2	0,3
Total	100,0	100,0

Fonte: IPEA, SBS, 2012

Analisando separadamente os dados referentes a escolaridade do pai e da mãe dos estudantes vemos que o nível de escolaridade dos pais, somando-se aqueles que possuem até o ensino fundamental completo (antigo primeiro grau) representa 15,5%. Com relação ao ensino médio (antigo segundo grau), 5,9% iniciaram esta etapa da educação sem concluí-la e 26,5% dos pais alcançaram o diploma. Situação semelhante pode ser observada em relação à educação superior, com 9,8% de pais que iniciaram os estudos, mas não concluíram e um total de 27,3% que concluíram este nível de formação. Filhos de pais com pós-graduação ainda representam uma minoria de 12,3% no contexto universitário.

⁴ Este artigo apresenta resultados da pesquisa realizada no Brasil. A análise comparativa e cruzamento dos dados coletados na China e no Brasil encontra-se ainda em fase preliminar.

Com relação ao nível de escolaridade das mães dos estudantes universitários, observa-se tendência semelhante aos dados oriundos de outras pesquisas sobre a escolarização e formação universitárias das mulheres no Brasil, que se encontra acima do nível de escolaridade e formação universitária dos homens. Neste sentido, o percentual de mães com formação mínima (até o ensino fundamental) é de 13,7% (1,8% abaixo do sexo oposto). No outro extremo, caracterizado por mães que cursaram pós-graduação, temos um percentual de 15,3 (3% acima do sexo oposto). Mães com ensino médio incompleto e completo representam 5,1% e 28,5% respectivamente; na educação superior 7,2% ingressaram em algum curso, mas não chegaram a concluí-lo e 29,3% obtiveram o diploma.

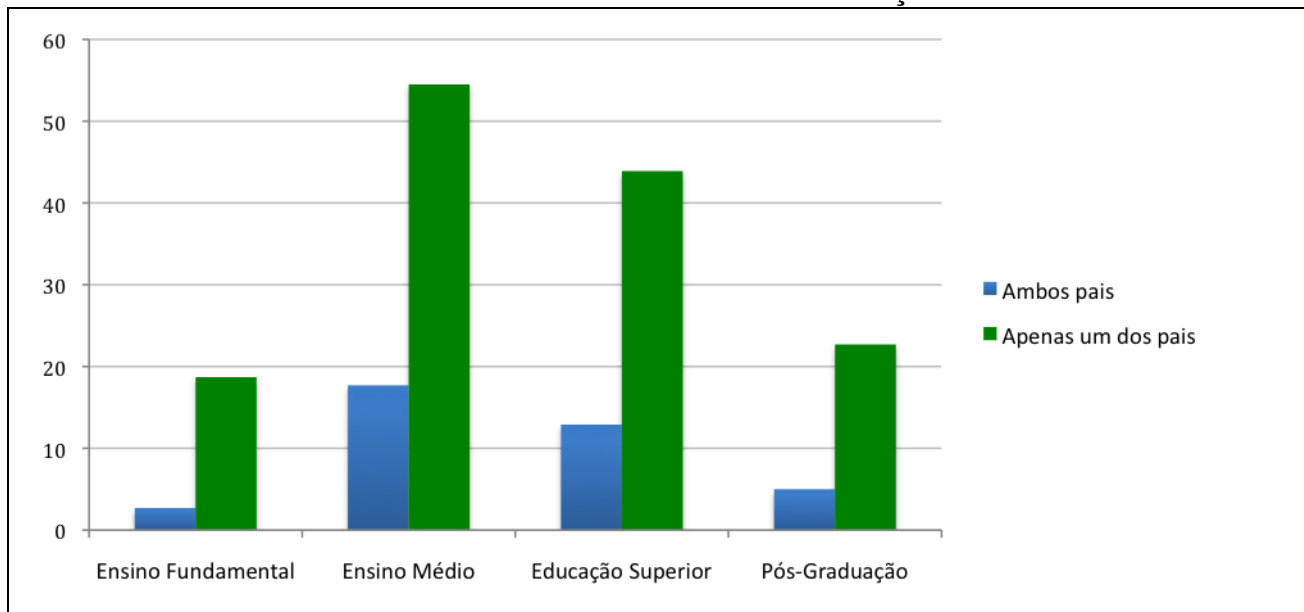
Analisando-se os dados relativos à conclusão ou não, tanto do ensino médio como da educação superior conforme detalhado na tabela 1, observa-se uma tendência maior de abandono da escola ou da universidade entre os pais dos estudantes. Tal fato pode estar relacionado a maiores possibilidades de inserção em empregos com melhor remuneração sem a necessidade de apresentação de um diploma de conclusão para o sexo masculino. No caso das mulheres a certificação do nível de escolaridade ou profissão parece oferecer maiores garantias de inserção no mercado de trabalho.

Com base nestes dados pode-se concluir que existe

(...) desigualdade de oportunidades de acesso ao ensino superior, pois, considerando-se o Censo Demográfico de 2010, a maior faixa de concentração de pessoas da população brasileira com mais de 25 anos situa-se entre aquelas sem instrução ou com ensino fundamental incompleto (49,3%), seguida das pessoas com ensino médio completo ou superior incompleto (24,6%) e com superior completo (11,3%). Assim, pode-se afirmar que os jovens universitários, participantes desta pesquisa, são provenientes de famílias com maior escolaridade, enquanto os filhos daquelas com escolaridade mínima – até o ensino fundamental completo – estão presentes em menor número na universidade. Contudo, os dados também revelam um processo de ascensão social para cerca de 50% dos estudantes da amostra, já que ao entrarem no ensino superior alcançaram maior escolaridade que seus pais. (Ipea, 2012, p. 12-13).

Realizou-se ainda um cruzamento entre variáveis distintas, com o objetivo de verificar o percentual de casais que possuem nível de escolaridade idêntico e casais com nível de formação distinta, conforme figura a seguir:

FIGURA 1: Pais com o mesmo nível de escolaridade e com formação distinta



Fonte: IPEA, SBS, 2012

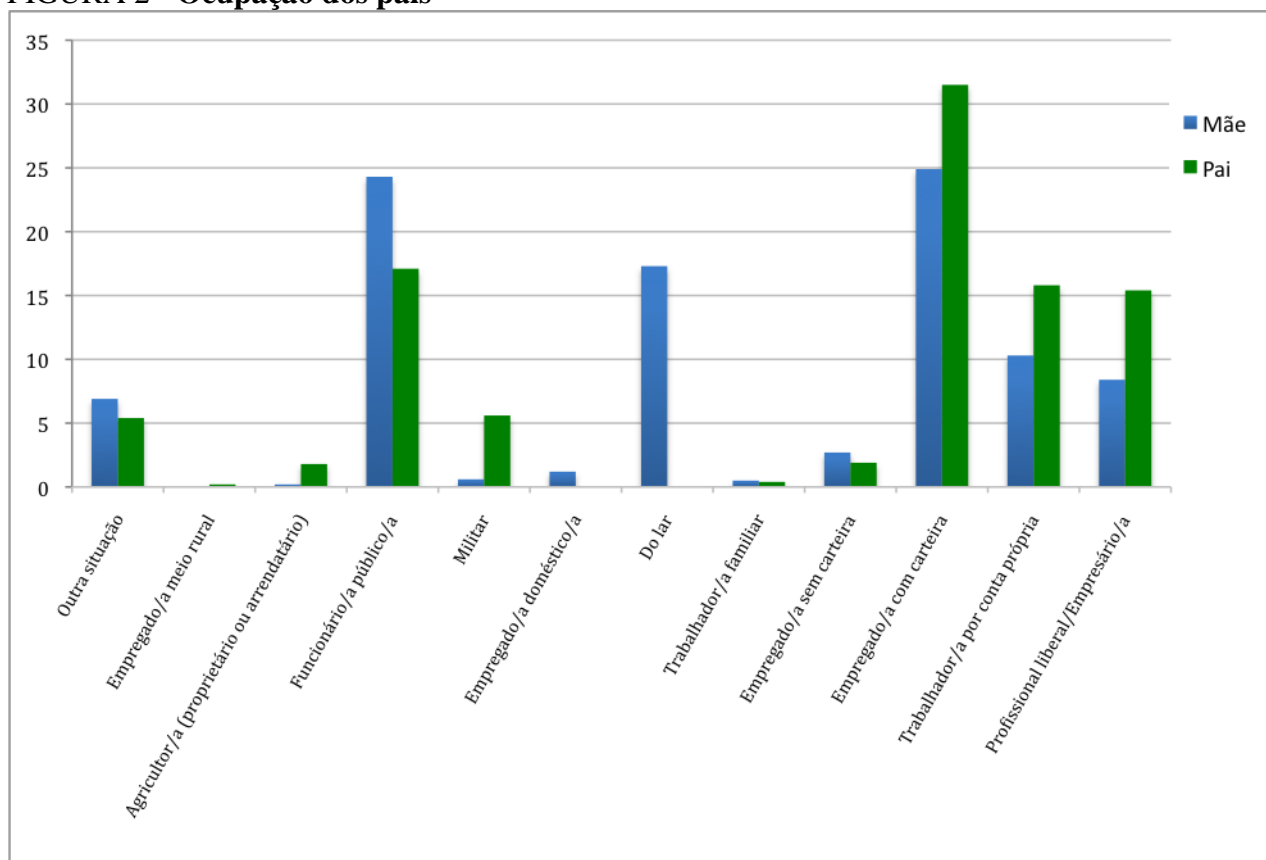
Verifica-se a partir deste cruzamento, que o número de casais com o mesmo nível de escolaridade é bem inferior ao número de casais com níveis de escolaridade distintos entre si. Cerca de 2,7% dos estudantes universitários vivem em famílias, nas quais ambos pais possuem apenas o ensino fundamental. No outro extremo, ou seja, casais com formação em nível de pós-graduação também constituem uma minoria, representando 5% da amostra. Famílias onde ambos pais possuem o ensino médio e educação superior representam 17,7% e 12,9% respectivamente.

A maioria dos pais e mães dos estudantes universitários brasileiros apresentam nível de escolaridade distintos, com características múltiplas, tais como: pai com ensino médio e mãe com ensino superior, pai com ensino superior e mãe com ensino médio, mãe com ensino superior e pai com ensino fundamental, etc. No entanto, os dados não permitem concluir que essa diferença de escolaridade entre casais existia na época em que contraíram matrimônio, ou seja, que tenham elegido um parceiro(a) com formação escolar inferior ou superior. A expansão do ensino superior privado no país assim como dos cursos supletivos noturnos, fez com que muitos adultos buscassem uma titulação em outra fase de suas vidas. Em muitos casos, somente um dos parceiros adquiriu diploma de ensino médio ou superior após haver contraído matrimônio ou constituído família. Este nos parece ser um dos possíveis motivos para o baixo número de casais com nível de escolaridade idêntico entre as famílias dos estudantes universitários que constituem esta amostra.

Situação profissional dos pais

A situação dos pais no mercado de trabalho constituiu outro aspecto levantado na pesquisa com o objetivo de conhecer melhor o contexto familiar e socioeconômico dos jovens que chegam a universidade, conforme figura a seguir (ver também tabela 4 em anexo):

FIGURA 2 - Ocupação dos pais



Fonte: IPEA, SBS, 2012

No Brasil, a maioria dos estudantes informou como ocupação profissional do pai a seguinte situação: empregado com carteira assinada – um total de 31,5% –, funcionário público equivalente a 17,1%, profissional liberal ou trabalhador por conta própria com 15,8% e empresário ou empregador perfazendo 15,4%. Deve-se observar que é praticamente inexpressiva a quantidade de filhos de empregados no meio rural. A ocupação de agricultor (proprietário ou arrendatário da terra) também apresentou baixos percentuais, chegando a 1,8%. Pais que exercem trabalho familiar remunerado ou que estão empregados sem carteira assinada também representam uma minoria entre as famílias dos estudantes universitários, respectivamente 0,4% e 1,6%.

A situação profissional da mãe apresenta duas alternativas que não foram citadas pelos pais por se tratarem de ocupações associadas frequentemente ao universo feminino. Trata-se das empregadas domésticas – com 1,2% de representatividade na amostra (cf. Tabela 4 em anexo) –, assim como da profissão do lar que alcançou a terceira posição entre as ocupações mais frequentes exercidas pelas mães dos estudantes universitários, compreendendo 17,3%. Em primeiro e segundo lugar aparece, para as mães brasileiras, as ocupações empregada com carteira assinada com 24,9% e funcionária pública equivalente a 24,3%. Entre os participantes da pesquisa, nenhum era filho de empregada no meio rural; as ocupações de agricultora (0,2%), trabalhadora familiar remunerada (0,5%) ou militar (0,6%) também não fazem parte do universo familiar dos estudantes universitários.

A situação familiar dos participantes da pesquisa apresenta características que mantém relações com o acesso à universidade. O padrão de renda, estabilidade no emprego e maior nível de

escolaridade dos pais facilita o ingresso na educação superior. Pais e mães empregados em atividades com baixo retorno financeiro representam uma minoria entre as famílias dos estudantes universitários.

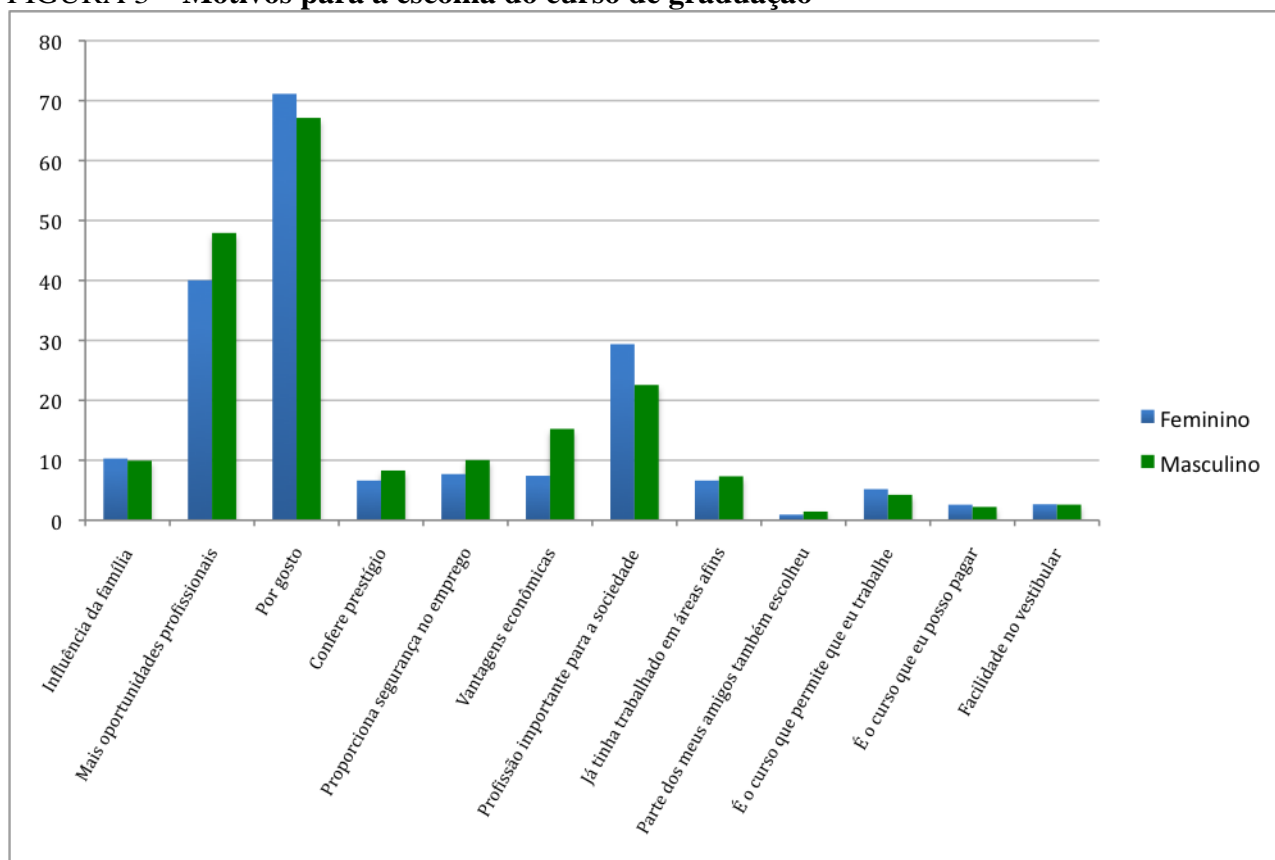
3.2 Trajetórias acadêmicas e projetos de futuro dos estudantes universitários

A forma de ingresso nas universidades brasileiras ainda se dá majoritariamente pelo vestibular e a disputa por uma vaga em cursos de alto prestígio pode chegar a uma média de 80 a 100 candidatos por vaga. Entre os cursos mais disputados em universidades públicas encontram-se: Medicina, Direito e Relações Internacionais (cf. Weller, 2008). Outros cursos de prestígio, por exemplo da área de exatas, são menos disputados em função do grau de dificuldade associado a estes cursos e ao baixo desempenho de grande parte dos estudantes do ensino médio nas disciplinas de matemática, física e química. Jovens decididos a ingressar em um curso de difícil acesso, costumam frequentar concursos preparatórios para os vestibulares das melhores universidades brasileiras. Alguns estudantes só conseguem ingressar no curso pretendido após a quarta ou quinta tentativa, ou seja, dois a três anos após o término do ensino médio (cf. Weller; Pfaff, 2012). Outros optam por ingressar no curso desejado em uma universidade particular, já que o número de concorrentes costuma ser menor e as possibilidades de ingressarem nos cursos pretendidos sem a necessidade de realizarem cursinhos pré-vestibulares é maior (cf. Ojala, 2008).

Motivos para a escolha do curso

Entre os principais motivos indicados para a escolha do curso observam-se poucas diferenças entre os sexos feminino e masculinos, como verificado na figura abaixo (ver também tabela 5 em anexo):

FIGURA 3 – Motivos para a escolha do curso de graduação



Fonte: IPEA, SBS, 2012

A questão referente aos motivos que levaram os estudantes a optar pelo respectivo curso foi elaborada de forma que os estudantes pudessem indicar até três itens, sem a necessidade de atribuir uma ordem de prioridade entre os mesmos. Gosto pela profissão, maiores oportunidades profissionais e importância da respectiva profissão para a sociedade foram os motivos mais indicados pelos jovens universitários. Entretanto, observam-se algumas diferenças entre as opções assinaladas por ambos os sexos: Gosto pela profissão e importância da mesma para a sociedade foram opções que alcançaram um percentual mais elevado entre estudantes do sexo feminino do que masculino (71,1% vs. 67,1% e 29,4% vs. 22,6%). Mais oportunidades profissionais e vantagens econômicas apresentaram percentual maior entre estudantes do sexo masculino do que feminino, com 47,9% vs. 40,0% para o primeiro item e 15,2% vs. 7,4% para o segundo aspecto. Outros motivos com cerca de 10% de representatividade na amostra para ambos os sexos, estão relacionados à influência da família (10,3% sexo feminino vs. 9,9% sexo masculino) e segurança no emprego (7,7% sexo feminino vs. 10,0% sexo masculino).

Grau de satisfação com o curso

A tabela 2 revela dados sobre o grau de sucesso ou de insucesso em relação ao curso pretendido e respectivo ingresso na universidade:

TABELA 2: Primeira escolha no vestibular

	Feminino %	Masculino %
Sim	74,4	74,2
Não, já tentei ingressar em outro(s) curso(s) sem sucesso	15,3	12,0
Não, já cursei outro(s) curso(s) sem chegar a concluí-lo(s)	8,4	12,4
Não, já conclui outro(s) curso(s) de graduação	1,6	1,2
Não respondeu	0,3	0,3
Anulado	0,1	0,0
Total	100,0	100,0

Fonte: IPEA, SBS, 2012

Considerando-se as respostas dos estudantes à questão sobre estarem ou não em um curso de graduação relacionado à primeira escolha, ou seja, preparando-se para uma profissão que escolheram por motivos vocacionais ou em função dos salários normalmente oferecidos nessas carreiras, chama-nos atenção o fato de cerca de 74% dos estudantes de ambos os sexos haverem ingressado no curso que constitui a primeira escolha no momento em que decidiram cursar uma graduação. Entre aqueles que não obtiveram sucesso, ou seja, que acabaram optando por outro curso após algumas reprovações em vestibulares encontram-se 15,3% de estudantes do sexo feminino e 12% do sexo masculino. Deparamos-nos ainda com 8,4% de estudantes do sexo feminino e 12,4% do sexo masculino que abandonaram o curso inicial e optaram por buscar uma nova formação. Somando-se estes dois grupos no conjunto das seis universidades que compõem a amostra, nos deparamos com cerca de 24% de estudantes universitários de ambos os sexos que apresentam uma trajetória não-linear entre a conclusão do ensino médio e a educação superior. Estes jovens, em algum momento de sua formação (no ensino médio ou posteriormente), encontraram dificuldades que os impediram de ingressar no curso desejado ou passaram por momentos de revisão de seus projetos biográfico-profissionais que os levaram a mudar de curso. Ao serem questionados se gostariam de trocar de curso obteve-se o seguinte resultado:

TABELA 3 - Mudança de curso

Se tivesse oportunidade, trocaria de curso?	Feminino %	Masculino %
Sim	18,1	14,8
Não	81,3	85,1
NR/Anulado	0,6	0,2
Total	100,0	100,0

Fonte: IPEA, SBS, 2012

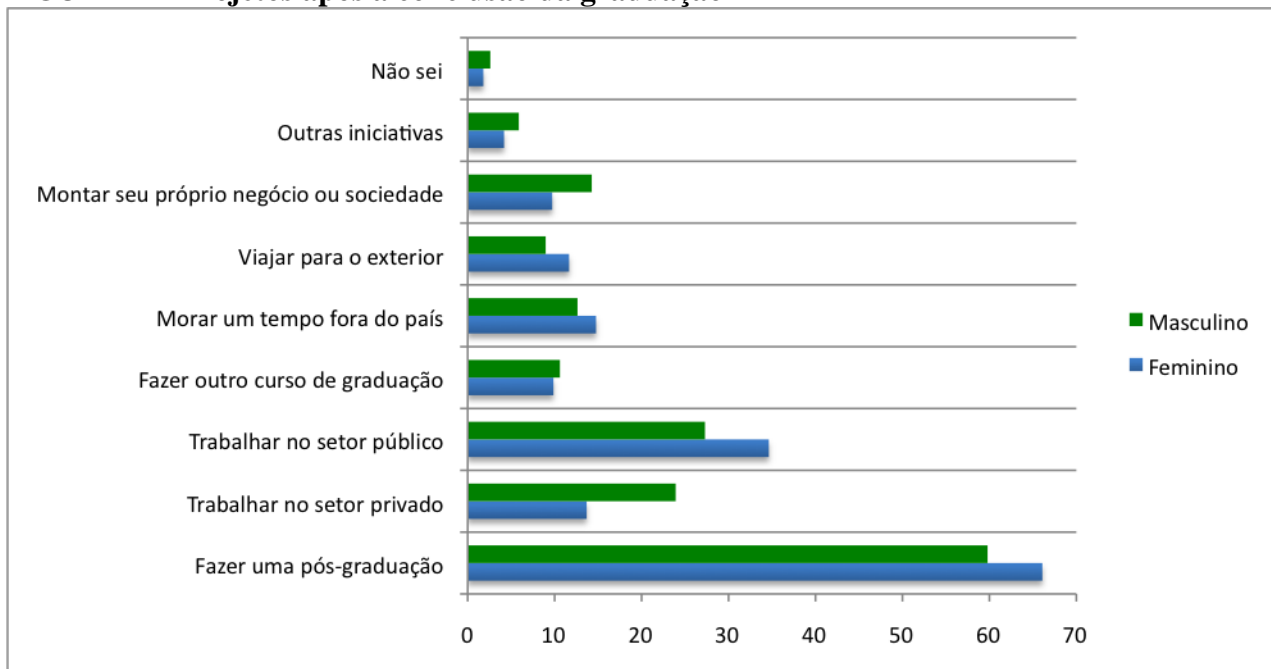
Observa-se na tabela acima maior percentual de estudantes do sexo feminino interessadas em mudar de curso, embora a maioria dos/as estudantes afirme que não trocariam de curso. Esta

diferença explica-se, em parte, pelos dados apresentados na tabela 2, que registrou um percentual mais elevado de estudantes do sexo masculino que já realizaram uma mudança de curso. Ainda que não estejam matriculadas no curso desejado, as jovens mulheres parecem encontrar-se diante de determinadas barreiras que as impedem de tomar esta decisão. É possível que se sintam mais pressionadas por suas famílias a concluir a graduação iniciada do que os rapazes; outros motivos podem estar relacionados às taxas cobradas em universidades particulares para os cursos de maior prestígio ou à dificuldade de realização de um novo vestibular para o curso pretendido.

Projetos de futuro dos estudantes

A noção de projeto – como concebida por Alfred Schütz – indica uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas”, que, por sua vez, está relacionada ao “campo de possibilidades” que uma pessoa ou grupo dispõe para colocá-las em prática (cf. Schütz, 1979; Velho, 1994). A busca por formação especializada e a obtenção de um diploma de graduação podem ser descritas como uma conduta organizada por meio da qual o estudante espera ingressar no mercado de trabalho no caso dos que se dedicam exclusivamente aos estudos. Para os que já estão trabalhando, o curso superior pode representar uma possibilidade de mudança de emprego ou de progressão funcional e melhores salários.

FIGURA 4 – Projetos após a conclusão da graduação



Fonte: IPEA, SBS, 2012

A questão relativa aos projetos dos estudantes após a conclusão da graduação indicava a possibilidade de escolha de até dois itens, sem a necessidade de atribuição de uma ordem de prioridade entre os mesmos. Neste sentido, entre as estudantes do sexo feminino, 66,1% pretendem ampliar sua formação por meio de um curso de pós-graduação e 59,8% dos jovens do sexo masculino apontaram o mesmo objetivo. Continuar os estudos em nível de pós-graduação foi indicado em combinação com outra variável, por exemplo: trabalhar no setor público (34,6% e

27,3%) ou no setor privado (13,7% e 23,9%), montar um negócio próprio (9,7% e 14,3%) dedicar-se a outras iniciativas (4,2% e 5,9%). Também foram sinalizadas outras perspectivas como morar um tempo fora do Brasil (14,8% e 12,6%) ou somente viajar para o exterior (11,7% e 9,0%).

Apesar da opção por um trabalho no setor público ter sido a opção mais indicada tanto entre estudantes do sexo feminino como masculino, os jovens rapazes parecem sentir mais segurança em relação à construção da carreira profissional no setor privado ou montando um negócio próprio. As jovens mulheres parecem estar preocupadas com outras situações que viverão no futuro, por exemplo, a segurança de que após uma licença maternidade poderão retornar aos seus postos de trabalho. Os salários oferecidos no setor privado parecem não compensar a segurança e outros benefícios oferecidos pela carreira pública, mesmo que muitas funções neste setor dificilmente conduzirão a cargos de direção ou posições de maior prestígio.

Com relação à perspectiva de morar um tempo em outro país ou simplesmente viajar para o exterior, observa-se entre as estudantes do sexo feminino maior interesse do que entre o sexo oposto. No entanto, estas opções parecem depender da variável trabalho, ou seja, a conquista da autonomia financeira antecede o desejo ou projeto de morar fora ou simplesmente viajar. A realização de outro curso de graduação para as e os estudantes obteve respectivamente 9,9% e 10,6% de indicações e parece não mais constituir uma prioridade. De uma forma geral, os jovens parecem estar conscientes que os novos tempos apontam para a necessidade de prosseguimento dos estudos em nível de pós-graduação. Neste sentido, as universidades terão que atender novas demandas por cursos especializados, sobretudo em forma de mestrados e doutorados.

Considerações finais

A pesquisa realizada de forma comparativa com jovens entre 18 e 24 anos, aponta semelhanças e diferenças entre aqueles que se deparam com mudanças e desafios em relação ao futuro profissional. Oferece ainda *insights* sobre as futuras elites formadas nas universidades.

Preliminarmente pode-se dizer que os jovens universitários participantes da pesquisa provêm de famílias onde pelo menos um membro da geração que o antecede possui ensino médio, embora um grupo expressivo tenha pelo um dos pais com graduação. Tal situação revela que a origem familiar pode ser um fator que contribui na trajetória escolar dos estudantes, na posição que assume de valorização da escolarização, já que, ao se tornar universitário, a maioria possui uma escolaridade maior que seus pais. Esta característica, associada a características relacionadas à ocupação dos pais, parece estar diretamente relacionada ao acesso a universidade.

Do mesmo modo, a análise dos dados preliminares sugere que a origem familiar interfere nas escolhas acadêmicas e nos projetos de futuro. Embora a amostra seja constituída por características bastante diversificadas de escolaridade e ocupações dos pais, a maioria dos/as estudantes faz o curso que foi sua primeira opção no vestibular, desejam dar prosseguimento a sua formação através da pós-graduação e a inserção no mercado de trabalho, seja no setor público ou privado.

Este projeto de pesquisa parte do princípio que estudos sobre estudantes universitários podem contribuir para uma melhor compreensão das enormes diferenças existentes no Brasil, ao mesmo tempo em que também aponta aspirações profissionais e visões de mundo destes jovens. Conhecer o perfil dos estudantes universitários e compreender suas demandas, torna-se essencial para o avanço das propostas de expansão e internacionalização das universidades no contexto da América Latina.

Bibliografia

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Sousa Porto (2005). O PROUNI na encruzilhada: entre a cidadania e a privatização. *Linhas Críticas*, Brasília, n. 20, p. 55-68. Disponível em <<http://seer.bce.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/5375/4480>>. Acesso em 12 jul. 2013.

IPEA (2012). *Estudo comparado sobre a juventude brasileira e chinesa: dados preliminares do Brasil*. Relatório de pesquisa. Novembro, 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/121106_relatorio_estudo_juventude_brasileira_chinesa.pdf>. Acesso em 30 maio 2013.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta; RAIZER, Leandro; FACHINETTO, Rochele Fellini (2007). Acesso, expansão e equidade na educação superior: novos desafios para a política educacional brasileira. *Sociologias*, Porto Alegre, n.17, p.124-157. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222007000100006>>. Acesso em 12 jul. 2013.

OJALA, Raisa (2008). *Projetos de futuro de jovens universitários no Distrito Federal: um estudo de caso*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília.

SCHUTZ, Alfred (1979). *Fenomenologia e Relações Sociais*, Rio de Janeiro: Zahar.

SEGENREICH, Stella Cecília Duarte (2009). ProUni e UAB como estratégias de EAD na expansão do ensino superior. *Pro-Posições*, Campinas, n. 2, p. 205-222. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072009000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 jul. 2013.

VELHO, Gilberto (1994). *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WELLER, Wivian (2008). Redução das desigualdades de gênero e raça na Universidade de Brasília. In: Dilvo Ristoff; et al. (Org.). *Simpósio Gênero e indicadores da educação superior brasileira*. Brasília: INEP, p. 153-176. Disponível em <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B154C8962-910A-447B-847E-BB1914C0D501%7D_SimposioGeneroeInd.Educ.Superior.pdf>. Acesso em 12 jul. 2013.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (2012). Transições entre o meio social de origem e o milieu acadêmico: discrepâncias no percurso de estudantes da Universidade de Brasília. *Estudos de Sociologia*, Recife, v. 18, p. 1-16. Disponível em <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/67/53>>. Acesso em 12 jul. 2013.

APÊNDICES

TABELA 4 – Ocupação dos pais

Ocupação dos pais	Mãe %	Pai %
Outra situação	6,9	5,4
Empregado/a meio rural	--	0,2
Agricultor/a (proprietário ou arrendatário)	0,2	1,8
Funcionário/a público/a	24,3	17,1
Militar	0,6	5,6
Empregado/a doméstico/a	1,2	--
Do lar	17,3	--
Trabalhador/a familiar	0,5	0,4
Empregado/a sem carteira	2,7	1,9
Empregado/a com carteira	24,9	31,5

Fonte: IPEA, SBS, 2012

TABELA 5 – Motivos para a escolha do curso

	Feminin o	Masculino
Influência da família	10,3	9,9
Mais oportunidades profissionais	40,0	47,9
Por gosto	71,1	67,1
Confere prestígio	6,6	8,2
Proporciona segurança no emprego	7,7	10,0
Vantagens econômicas	7,4	15,2
Profissão importante para a sociedade	29,3	22,5
Já tinha trabalhado em áreas afins	6,6	7,3
Parte dos meus amigos também escolheu	0,9	1,4
É o curso que permite que eu trabalhe	5,1	4,2
É o curso que eu posso pagar	2,5	2,2
Facilidade no vestibular	2,6	2,6

Fonte: IPEA, SBS, 2012

TABELA 6 – Projetos após a conclusão da graduação

	Feminin o	Masculino
Ampliar a formação universitária fazendo uma pós-graduação	66,0	59,7
Trabalhar no setor privado	13,6	23,9
Trabalhar no setor público	34,6	27,2
Fazer outro curso de graduação	9,8	10,6
Morar um tempo fora do país	14,7	12,6
Viajar para o exterior	11,6	8,9
Montar seu próprio negócio ou sociedade	9,7	14,2
Outras iniciativas	4,1	5,8
Não sei	1,8	2,6

Fonte: IPEA, SBS, 2012